

# Rainha Ginga: Majestades da Memória Negra

MAURÍCIO WALDMAN



EDITORA KOTEV  
AFRICANIDADES 2

# **RAINHA GINGA:**

## **MAJESTADES DA MEMÓRIA NEGRA <sup>1</sup>**

**MAURÍCIO WALDMAN <sup>2</sup>**

Reconhecidamente, a sucessão de agravos cometidos pela expansão europeia ao longo do globo configurou um extenso prontuário de atrocidades postas em prática para impor a hegemonia ocidental.

Nesta perspectiva, o amordaçamento da memória popular constituiu uma das práticas mais recorrentes. Contudo, povos, grupos e nações jamais abdicaram de estratégias de resistência, repudiando a imposição da amnésia.

No caso dos africanos e da diáspora afrodescendente, reações exitosas suplantaram as omissões das narrativas ocidentais, assim como a investidura de regimes de sentido alheios à cultura e história das populações que os conquistadores pretendiam subjugar.

Nesse cenário, a força auferida no imaginário popular pela Rainha Nzinga (1582-1663), chefe guerreira angolana conhecida como Ginga entre os brasileiros, é das mais significativas, marcando indelevelmente o imaginário construído a respeito desta notável soberana (Figura 1).

Através de muitos feitos audaciosos nos campos de batalha, levados a cabo durante 40 anos de luta implacável, Nzinga celebrizou-se pelo sucesso nos embates com os exércitos colonialistas e o tráfico de escravos.

A história registra indomável espírito de luta. Repetidamente os relatos destacam a rainha liderando em pessoa seus comandados, marchando para o combate à frente da tropa.

Exercendo papel de liderança com argúcia e clareza política, seu nome tornou-se personificação icônica do repúdio ao domínio colonial e exaltação das lutas pela liberdade dos povos não representados.



FIGURA 1: A Rainha Nzinga na concepção do prestigiado ilustrador norte-americano Tim O'Brien, popularizada pela capa de *Nzingha: Warrior Queen of Matamba* (2000), da escritora e romancista afro-americana Patricia McKissack.

Descrita pelos cronistas como mulher de beleza encantadora e dotada de personalidade forte, Nzinga distinguiu-se também como estrategista e diplomata. Nzinga organizou formidável coligação política sob sua égide. Apoiada numa vasta coalizão de reinos locais, a rainha combateu sem tréguas a invasão portuguesa.

Resistiu até os últimos dias de sua vida sem jamais ter sido capturada. Quando de sua morte, aos 82 anos, Nzinga já tinha seu nome inscrito na história: estivera à testa do mais longo empreendimento militar contra o colonialismo português em todo o mundo.

Não admira então que sua atuação tenha suscitado longa linhagem de rainhas guerreiras, mulheres peritas na arte da guerra que durante oitenta anos deram sequência à luta de expulsão dos invasores colonialistas e dos traficantes de escravos.

No que igualmente estaria longe de constituir um acaso, o levante antilusitano de 1961 teve na região da Matamba - que Nzinga havia transformado numa verdadeira fortaleza da liberdade em Angola - um dos estopins da grande insurreição nacional que colocaria para sempre um ponto final no domínio estrangeiro.

Consagrada como heroína nacional de Angola, a soberana é lembrada no nome dos logradouros, equipamentos públicos e monumentos. Na diáspora negra, seu nome é lembrado em prosa e verso, narrativas que cheias de esperança, desafiam as trevas do racismo, do preconceito e da exclusão social.

Nessa ótica afeiçoada por uma memória viva, o fascínio despertado pela biografia incomum da rainha terminou por ungir Nzinga como representação emblemática de uma identidade que não se deixa submeter, se erguendo orgulhosamente em franco desafio à arrogância dos dominadores.

É neste sentido que podemos traçar não só uma linha de continuidade que reintroduz continuamente a saga da rainha guerreira nos tempos presentes, como também compreender as conexões que atam perpetuamente as margens brasileiras e africanas do Atlântico entre si.

Tal declinação impõe o veredicto da memória coletiva. Com efeito, a Rainha tem seu nome associado à instituição do quilombo. Palavra que nas línguas do tronco bantu <sup>3</sup> significa “acampamento armado”, quilombo diz respeito a uma forma de organização combatente criada originalmente pelos Jaga <sup>4</sup>, guerreiros temidos por sua coragem e valentia.

Na África, o quilombo configurou uma máquina de guerra centralizada, liderada por um guerreiro dentre guerreiros, referenciado por uma matriz transcultural e aberto a toda sorte de influências.

A pedra de toque da ação quilombola era a guerra de desgaste: ataques e recuos, marchas e contramarchas, estratégia vital para cansar e dismantelar o esquema do invasor colonialista.

Neste exato sentido, o quilombo brasileiro é pelo seu conteúdo manifesto, inspirado neste modelo angolano, adotado por Nzinga na guerra contra os portugueses.

A noção de quilombo, enraizada na memória de milhões de angolanos, foi por sua vez transportada para o Brasil nos porões dos navios, encontrando no país larga receptividade como forma de resistência.

Prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o país ainda busca instituir, o quilombo recebeu de braços abertos todos os que se insurgiram contra a ordem colonial. Enquanto identidade política, o quilombo se confundiu geração após geração, com o grito da liberdade e da aspiração por uma sociedade justa.

Neste recorte, é interessante observar que Zumbi dos Palmares e a Rainha Nzinga, notáveis líderes quilombolas, foram historicamente contemporâneos. Ou seja: criando obstáculos de toda ordem para o regime escravocrata nos dois lados do Atlântico, foram protagonistas de uma conflagração que pela primeira vez na história desenhou uma frente comum intercontinental contra a escravidão.

É nesta dinâmica que o vocábulo ginga - neologismo datado do século XVII - conquista conotação etimológica na linguagem coloquial brasileira.

Com efeito, a palavra ginga, corruptela de Nzinga, se vincula ao exercício da superação de obstáculos, onde a esperteza inverte posições momentaneamente desfavoráveis, se impondo por intermédio da mobilidade e do aproveitamento das falhas de um adversário dotado de mais armas e recursos.

Assim, na fala do dia a dia do Brasil, ginga é uma forma de enganar a adversidade. Está presente no passe do futebolista no gramado, é a gira do capoeirista na peleja corpo-a-corpo, é o rebolado cativante da mulher, é o meneio de corpo do sambista. Situações que metaforicamente recordam os circunlóquios táticos da Rainha Nzinga.

Em suma: à luz, hoje legendária, dessa liderança dotada de excepcional vontade política, o fascínio despertado por Nzinga continua a encantar milhões de admiradores nos dois lados do Atlântico.

Memória de Ginga, Memória de Lutas. Memória de todo o Povo Brasileiro!

<sup>1</sup> **Rainha Ginga: Majestades da Memória Negra** corresponde a texto motivacional elaborado para o Dia Nacional da Consciência Negra de 2014 a partir de atuação em sala de aula em cursos na área de afro-educação e materiais preliminares do autor elaborados para conferências no transcorrer do decênio 2003-2013, particularmente junto ao Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP), entidade na qual o autor participou durante dez anos como professor-colaborador. **Rainha Ginga: Majestades da Memória Negra** foi primeiramente publicado na forma de artigo pelo jornal O Imparcial, de Presidente Prudente (SP), edição de Quarta-feira, 19-11-2014, página 3a. Em 2017, sob titularidade da **Editora Kotev (Kotev ©)**, este material foi revisado, masterizado e levemente ampliado com o fito de inserção no meio digital e na Internet. Enquanto tal, **Rainha Ginga: Majestades da Memória Negra** incorpora regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas editoriais e de estilo, assim como normatizações inerentes ao formato PDF. A confecção desta edição contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: [francesco\\_antonio@hotmail.com](mailto:francesco_antonio@hotmail.com), Home-Page: [www.harddesignweb.com.br](http://www.harddesignweb.com.br). Anote-se que **Rainha Ginga: Majestades da Memória Negra** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. As citações de **Rainha Ginga: Majestades da Memória Negra** devem obrigatoriamente incorporar referências ao autor e ao texto conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Rainha Ginga: Majestades da Memória Negra*. Série Africanidades Nº. 2. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017.

<sup>2</sup> **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, editor, jornalista, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências com foco África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades, sendo que dentre outros veículos de mídia impressa, seus textos foram regularmente publicados pela revista

África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo francês (Cf. Ficha Catalográfica: < [http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra\\_2017\\_kotev.pdf](http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf) >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

**Mais Informação:**

**Portal do Professor Maurício Waldman:** [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br)

**Maurício Waldman - Textos Masterizados:** <http://mwtextos.com.br/>

**Currículo Lattes-CNPq:** <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

**Verbete Wikipedia (BrE):** [http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio\\_Waldman](http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman)

**Contato Email:** [mw@mw.pro.br](mailto:mw@mw.pro.br)

<sup>3</sup> A terminologia Bantu circunscreve uma área geográfica contígua e um complexo macrocultural específico da África Negra. Originalmente designava numeroso conjunto linguístico com raízes comuns, passando depois a identificar uma moldura cultural ou civilizatória, decorrente da soldadura territorial e múltiplos contatos, mestiçagens e empréstimos facilitados pela proximidade espacial e relacionamentos interétnicos.

<sup>4</sup> Os Jaga são também reconhecidos por intermédio de outras grafias: *Yaka*, *Bayaca* ou ainda *Giaka*.

**SAIBA MAIS SOBRE A RAINHA GINGA**

# **RETRATOS DA RAINHA NZINGA**



**Maurício Waldman**



**EDITORA KOTEV  
AFRICANIDADES 22**

**[http://mw.pro.br/mw/africanidades\\_22.pdf](http://mw.pro.br/mw/africanidades_22.pdf)**

**SAIBA MAIS SOBRE A RAINHA GINGA**

# **A MEMÓRIA VIVA DA RAINHA NZINGA**



**Maurício Waldman**



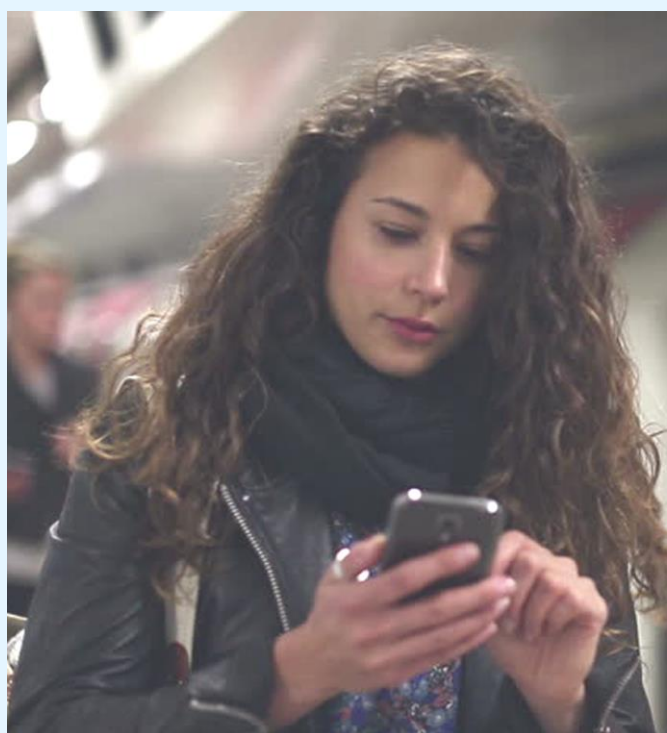
**EDITORA KOTEV  
AFRICANIDADES 21**

[http://mw.pro.br/mw/africanidades\\_21.pdf](http://mw.pro.br/mw/africanidades_21.pdf)

## CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



### EDITORA KOTEV

Sintonizada com  
o Futuro Digital

**EDITORA KOTEV**  
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>  
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: [atendimento@kotev.com.br](mailto:atendimento@kotev.com.br)